

PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES RIBEIRINHOS NO ESTADO DE RONDÔNIA

Nair Ferreira Gurgel do Amaral¹

RESUMO

Após dez anos de contatos com as escolas de comunidades ribeirinhas, no município de Porto Velho/RO, decidimos compartilhar os “frutos” que colhemos na aceitação às diferenças, na superação das relações opressoras e preconceituosas que se estabelecem no âmbito da escola e apresentar uma proposta de formação docente voltada para o atendimento dessas comunidades. Assumir o multiculturalismo requer entender que vivemos numa sociedade híbrida e que, numa época classificada como pós-moderna, tornam-se inadmissíveis oposições como popular x culto, moderno x tradicional, urbano x rural. A hibridação precisa ser vista com um olhar transdisciplinar. Por isso, ousamos, neste trabalho, apresentar uma proposta de ensino que abrange a formação inicial e a continuada e apresentamos princípios norteadores e investimentos na escola. Recomendamos maior ênfase nos estágios e solicitamos concurso diferenciado, não rotatividade dos professores nas escolas, inclusão, bibliotecas, livros e profissionais comprometidos com as causas dos ribeirinhos. Defendemos a tese dos currículos abertos e valorização da afetividade.

Palavras-chave: Formação Docente. Pluralidade Cultural. Comunidades Ribeirinhas.

1. Pós-doutora pela Faculdade de Educação – UNICAMP/SP. Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-Mail: nairgurgel@uol.com.br.

PROPOSAL FOR RIVERINE TEACHER EDUCATION IN THE STATE *OF RONDÔNIA*

ABSTRACT

After ten years of contacts with the schools of riverine communities in the municipality of Porto Velho / RO, we decided to share the “fruits” that we have reaped by accepting differences, overcoming prejudices and oppressive relations that are established within the school environment; and to present a proposal for teacher education, focusing on these communities. Accepting multiculturalism requires understanding that we live in a hybrid society, and that, in the so-called postmodern age, it is unacceptable to be stuck in binary oppositions such as popular vs. scholarly, modern vs. traditional and urban vs. rural. Hybridization must be viewed with a transdisciplinary gaze. So, in this paper, we dare present a teaching proposal that encompasses early and continuing education, and we also present some guiding principles and investments that can be made in riverine schools. We recommend greater emphasis on teaching practicum, and we request differentiated national examinations for teaching positions, teacher tenure as a means of diminishing teacher turnover, inclusion, libraries, books and professionals committed to the causes of riverine communities. We support the open curricula thesis and the emphasis on the positive role of affection.

Keywords: Teacher education. Cultural plurality. Riverine communities

AS MARGENS DO RIO E A MARGINALIDADE DOS POVOS

Na busca de respostas para questões geradas pela não aceitação da heterogeneidade cultural e linguística, revisitamos os dez anos de pesquisas realizadas em comunidades ribeirinhas no município de Porto Velho/RO, na tentativa de extrair as informações guardadas e as experiências vividas nessas localidades.

Nosso objetivo, após todos esses anos de contatos com as escolas de comunidades ribeirinhas, é compartilhar os “frutos” que colhemos na aceitação às diferenças, na superação das relações opressoras e

preconceituosas que se estabelecem no âmbito da escola e apresentar uma proposta de formação docente voltada para o atendimento dessas comunidades. Nossa experiência no convívio com os atores desses contextos nos delegou responsabilidades “nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro - o rio.” (ROSA, 1988, p.2)

O GEAL – Grupo de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem sempre se preocupou com a produção acadêmica, buscando divulgar os resultados de suas pesquisas em nível regional e nacional. Possui alguns livros publicados, coletiva e/ou individualmente, além de artigos em revistas indexadas. A temática “Educação, Cultura e Linguagem na Amazônia” sempre estiver presente em nossas publicações como, por exemplo, em: AMARAL, Nair F. Gurgel do & TEZZARI, Neusa dos Santos. (Orgs.): Cultura, Leitura e Linguagens: discursos de letramentos. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2007. ISBN: 85-7764-013-2. 407 págs. (Prefácio de Tânia Rocha Parmigiani e Mary Júlia Martins Dietzsch/USP); AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (organizadora). Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações. Londrina/PR: CRV, 2009. ISBN: 978-85-62480-00-3. 251 págs; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (Org.) Encantos do Rio Madeira – histórias ribeirinhas. São Carlos/SP: Pedro & João Editora, 2009. ISBN 978-85-99803-96-7. 64 págs; AMARAL, N. F. Gurgel do; PESSOA, Socorro; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo (orgs.). Educação, Cultura e Linguagem. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2010. ISBN: 978-85-7764-036-2.

Atualmente, o Grupo é composto por uma equipe de 08 professores da UNIR, 19 professores de outras instituições (ex-alunos), 01 colaboradora técnica (bibliotecária) e 08 alunos de graduação, todos com ampla experiência nas áreas de educação, cultura e linguagem, conforme pode ser observado no link do CNPq: <<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/fontes/detalhegrupo.jsp?grupo>>

Uma vez garantida a ideia de que a diversidade cultural - inquestionável e inevitável – é geradora das classes sociais e que os contextos sociais estão, necessariamente, enquadrados em uma delas, cabe aos professores focarem suas atenções para as condições de vida, os hábitos, as crenças, as relações dos falantes com os demais membros da comunidade. Observar, afinal, o falante e seus entornos em um contexto

social específico. São falantes singulares, com suas práticas sociais e de linguagem, que vão fornecer aos pesquisadores dados e realidades para quaisquer análises.

Com a finalidade de identificar melhor o contexto, apresentamos, no quadro a seguir, informações sobre as três comunidades com as quais convivemos nos últimos dez anos, realizando pesquisas e intervenções, no sentido de contribuir com uma formação docente mais voltada para as questões multiculturais e plurilinguísticas.

Quadro 1 – Relação das comunidades e escolas ribeirinhas pesquisadas

COMUNIDADES	LOCALIZAÇÃO	ESCOLAS
Comunidade de “São Sebastião” População: 44 famílias	Margem esquerda do rio Madeira, em frente ao porto do Cai N’Água, no centro da cidade	Escola Domingos Sávio. 25 alunos. Séries: 1º ao 5º Anos. 2 professores.
Comunidade da “Cachoeira do Teotônio” População: 60 famílias	Margem direita do rio Madeira, 33 quilômetros de Porto Velho.	Escola Antônio Augusto Vasconcelos. 222 alunos. Séries: 1º ao 9º Ano e EJA. 12 professores
Comunidade do Bairro Triângulo População: 630 famílias	Margem direita do rio Madeira. Bairro do Triângulo.	Escola Franklin Delano Roosevelt. 562 alunos. Séries: 1º ao 9º Ano e EJA. 15 professores.

Fonte: Arquivo da autora

PERCORRENDO AS MARGENS: PRINCÍPIOS NORTEADORES E PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Sentindo a necessidade de combater o fracasso escolar representado, principalmente, pela repetência e pela evasão, escolhemos as escolas ribeirinhas e periféricas como lugares de investigação, já que apresentam realidades desafiadoras, como a diversidade cultural, a variedade linguística e um precário nível sócio-econômico.

Ouve-se muito o discurso de que o principal desafio da educação brasileira, para as próximas décadas, é o da qualidade. Porém, as avaliações educacionais têm constatado que são altas as taxas de repetência

e baixos os níveis de aprendizado na educação básica. Portanto, fazer uma (re)leitura da ação pedagógica para a compreensão do processo educacional dessas escolas, justifica-se pela necessidade de conhecer e investigar o professor e o aluno, para assim fugir de resultados laterais, vistos apenas sob um único ângulo.

Esperamos poder proporcionar a professores/as e alunos/as uma proposta alternativa de ensino, mostrando-lhes a relevância de se considerar o contexto sócio-histórico e a singularidade na pluralidade cultural. A variação linguística é um fenômeno que deve ser observado cientificamente não deixando margem para preconceitos e discriminações.

Uma escola pode ser considerada inclusiva quando não faz distinção entre pessoas, não seleciona e diferencia com base em julgamento de valores como “perfeito e não perfeito” “normais e anormais”. Ao contrário, ela oferece possibilidades de seus sujeitos desenvolverem suas potencialidades. Nessa mesma linha de reflexão, Bhabha (1998, p.21) declara que

...a apresentação da diferença não deve ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais ou éticos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica.

Assumir o multiculturalismo requer entender que vivemos numa sociedade híbrida e que, numa época classificada como pós-moderna, tornam-se inadmissíveis oposições como popular x culto, moderno x tradicional, urbano x rural. A hibridação precisa ser vista com um olhar transdisciplinar, assim como nos ensina Canclini (2006, p. 29): “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

A formação inicial nos cursos de licenciatura visa propiciar aos profissionais da educação o desenvolvimento de competências e habilidades que permitam o cumprimento das suas funções técnicas. Porém, carece-se de maior comprometimento com os problemas sociais e éticos, numa perspectiva da ética humana, universal, conforme defende

Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (2006). Os futuros professores necessitam, também, de uma visão política, voltada para a transformação efetiva da situação atual. Nas Universidades, entretanto, o que se observa com mais frequência, em algumas práticas docentes, é um ensino teorizado, desvinculado da prática e sem reflexão crítica. Nossos alunos da graduação têm saído da universidade com pouco ou nenhum contato com as escolas.

Prova de que esse problema é generalizado foi a matéria publicada na Revista Nova Escola, nº 216, de outubro de 2008. Segundo a reportagem, a Fundação Carlos Chagas analisou 71 currículos de cursos oferecidos por instituições de ensino superior e apontou, entre outros, para os seguintes resultados: “a) Pouco valor à prática. b) Estágio pro forma c) Longe da realidade”(p.49).

O que percebemos na relação discursos x prática é que os primeiros, geralmente, são vazios, uma vez que não proporcionam uma ação efetiva. É por isso que os cursos de formação continuada têm sido, em grande parte, uma forma de reparar o que não foi visto na graduação. Até porque, na velocidade com que a informação e o conhecimento decorrente dela avançam e se modificam, é impossível a formação inicial dar conta de trabalhar tudo que o futuro profissional precisará para atuar na realidade que vai encontrar nas escolas. A Formação Continuada deveria propor novas metodologias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola e conseqüentemente da educação. Fora isso, sabemos que em qualquer profissão há uma necessidade de renovação constante imposta pelo avanço tecnológico e pelos meios de comunicação. O sucesso profissional do professor, o espaço ideal para seu crescimento e sua formação continuada, deve ser seu local de trabalho, uma vez que ele precisa partir da realidade em que vive e atua, o que favoreceria uma formação efetivamente em serviço, confrontando “teoria e prática” a cada etapa desta formação. Constitui-se um espaço de produção de novos conhecimentos, de troca de diferentes saberes, de repensar e refazer a prática do professor, considerando o conhecimento como uma construção social.

Nóvoa (2002, p. 23) diz que: “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente.” Para esse

estudioso português, a formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise. “A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.” (idem, p.26)

Para que o/a professor/a chegue nesses locais diferenciados (as comunidades ribeirinhas) e possa desenvolver um ensino de qualidade e com respeito às diferenças, alguns aspectos devem ser levados em consideração, sob pena de prejudicar todo o empenho dos/as professores/as, assim como o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o aluno seria o maior prejudicado. Elencamos, abaixo, os itens que constituem os Princípios Norteadores desta proposta.

1. O Local da Cultura - O conhecimento das culturas permite a consciência da discriminação e a capacidade de interagir com a diferença. Sendo a cultura local o ponto de partida para a aquisição dos conhecimentos, entendemos que o melhor conceito de cultura é aquele que nos faz sabê-la como a “produção de fenômenos que contribuem [...] para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social (Canclini, 2006, p. 29).

Tomaremos os termos cultura popular, cultura cabocla e cultura amazônica, indistintamente uns pelos outros, acrescentando a eles o termo “cultura ribeirinha”. Sendo assim, temos que a cultura amazônica é influenciada primeiramente pela cultura ribeirinha, sendo que esta também é o resultado acumulado em amálgama das outras culturas que absorveu, especialmente dos nordestinos migrados para a Amazônia no período da borracha.

Conscientes de que somos seres híbridos, acreditamos também que as vantagens dos estudos sobre pluralidade cultural estão nas relações das práticas sociais e econômicas que, se entrelaçadas, potencializam a trama e se revelam mais nas atuações do que nas ações propriamente ditas.

2. A Linguagem como atividade sociocultural - Importante lembrar que a linguagem não é uma atividade escolar; é uma atividade hu-

mana, histórica e sociocultural. Por isso é que a proposta aqui apresentada só faz sentido se for abraçada por todos que participam do processo ensino-aprendizagem na escola.

Sabendo que a língua está em constante evolução, entendemos que ela não é uma apenas, mas muitas e é ideológica por natureza. Esta assertiva coloca em evidência a importância da interação verbal como realidade fundamental da língua, sendo esta a marca de identidade na relação com a comunidade em que vive. Discriminar um modo de falar é a mesma coisa que não respeitar os valores de outras pessoas que não falam como nós.

3. A Leitura e a Formação de Leitores Críticos - A importância da leitura na formação do ser humano, especialmente nas séries iniciais, ainda é pouco impactante nos programas de formação inicial e continuada. A formação de leitores críticos, que contribui para a construção da cidadania plena não encontra eco das nossas escolas, salvas as devidas exceções. As contribuições de Silva estão voltadas para os movimentos que se fazem na docência para a formação de leitores críticos, um “movimento da leitura, igual aos faróis de um carro, vai abrindo clarões à nossa frente, vai iluminando os trajetos através de uma união sintonizada entre os nossos olhos e as regiões centrais do nosso cérebro”(SILVA, 2003, p. 28).

A leitura, como se pode observar, presente na vida do professor, o transforma em um professor leitor. Só assim ele conseguirá formar leitores. Colocando a leitura em primeiro plano em suas aulas, os alunos, se não tiverem já consolidado o ato de ler, na certa, se sentirão estimulados a começar a construção de sua bagagem de leitura.

Sendo a leitura crítica fundamental para uma educação inclusiva e libertadora, urge que a priorizemos nas escolas, proporcionando aos alunos a possibilidade de “Constatar, Cotejar e Transformar” (SILVA, 2005, p. 82). Assim, a leitura crítica torna-se um bem social, uma vez que inclui o leitor enquanto cidadão, possibilitando a intervenção, o questionamento e, principalmente, a mudança – o ser “outro” depois do livro. A Prática da Leitura, nessa proposta, considera que a melhor contribuição que a escola pode trazer para a educação do estudante é

transformá-lo em leitor consciente, reflexivo e crítico. A escola, transformada em laboratório de leitura, é o lugar onde o aluno experimenta, desenvolve e confere suas habilidades de leitor.

4. A Produção de Texto e a Análise Linguística como práticas reflexivas - Nas escolas ribeirinhas, encontramos marcas individuais voltadas para sua realidade social. A prática de produção de texto contribui para evitar a artificialidade das aulas de redação, transformando-as em eventos de produção de textos comprometidos com as reais necessidades do aluno. Já a Análise Linguística tem por objetivo trabalhar os aspectos que comprometem a clareza dos textos produzidos pelos alunos, incluindo os que permitam trabalhar as dificuldades que mais interferem no uso da modalidade escrita (variedade padrão). Sendo assim, esta prática centra-se no texto do aluno, pois sua realidade linguística é o ponto de partida para o domínio da língua padrão.

5. O Livro Didático próximo à realidade regional - O ideal pode estar longe, mas cabe aqui sonhar, não com um livro didático escrito por professores locais (o que não será fácil, devido ao intenso movimento migratório), mas com muitos livros de literatura (regional ou não) que serão utilizados em sala de aula pelos alunos. Se houve mudança na “escolha” do livro didático, hoje mais voltado para os temas inclusivos, é porque, de alguma forma, os discursos multiculturalistas estão se transformando em práticas educativas. Ainda é tímida a reação por parte da sociedade, no que tange à aceitação das diferenças, mas a garantia de professores preparados para enfrentar o mundo globalizado com a velocidade de informações e o fluxo contínuo de migrações territoriais, poderá apresentar, no futuro, uma geração que sabe respeitar o “outro”, independentemente de sua cultura, etnia, sexo, classe social, preferência linguística, opção sexual ou posição econômica.

Sem querer atribuir culpa ao professor, Silva (2009) propõe uma reflexão sobre o livro didático que faz com que ele deixe de ser uma “muleta” e defende “a inserção de novas tecnologias de comunicação como alternativas a esses livros” (p. 56)

6. A Avaliação e sua Relação com a Afetividade - Na Lei de Diretrizes e Bases nº. 9.394/96, encontram-se os dois mais importantes

princípios da afetividade e amor no domínio escolar, o respeito à liberdade e a consideração à tolerância, que são inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Ambos têm por fim último o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para as ocupações no trabalho.

Hoffmann (1993, p. 114) propõe para a realização da avaliação, na perspectiva de construção, duas premissas fundamentais: “confiança na possibilidade do aluno construir as suas próprias verdades; valorização de suas manifestações e interesses”. Tendo a avaliação um caráter de diagnóstico e processual, ela ajuda os professores a identificarem aspectos em que os alunos apresentam dificuldades. A partir daí, os professores poderão refletir sobre sua prática e buscar formas de solucionar problemas de aprendizagem.

Em Leite e Tassoni (2010, p.1) encontramos uma relação interessantíssima entre avaliação e afetividade, que coloca a aprendizagem como fato social, mediada por elementos culturais: “A preocupação que se tinha com o “o que ensinar” (os conteúdos das disciplinas), começa a ser dividida com o “como ensinar” (a forma de, as maneiras, os modos).

7. A Interdisciplinaridade e a Integração Curricular - O princípio da interdisciplinaridade permitiu um grande avanço na ideia de integração curricular. Na interdisciplinaridade os interesses próprios de cada disciplina são preservados. O princípio da transversalidade e de transdisciplinaridade busca superar o conceito de disciplina. Aqui, busca-se uma intercomunicação entre as disciplinas, tratando efetivamente de um tema/objetivo comum (transversal), um diálogo permanente com outros conhecimentos.

A interdisciplinaridade acontece quando as metodologias e conhecimentos de outras disciplinas podem ser utilizadas por professores de várias disciplinas. Há uma relação de reciprocidade, de mutualidade, um regime de copropriedade, de interatividade, possibilitando o diálogo entre os interessados. A ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. Articular saber, conhecimento, vivência,

escola comunidade, meio-ambiente etc tornou-se, nos últimos anos, o objetivo da interdisciplinaridade que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização da escola.

8. O Currículo e a Pluralidade Cultural - Continuamos apostando nas propostas multiculturalistas de McLaren (2000) e dele também absorvemos conhecimentos para uma prática docente diferenciada na construção de transformações curriculares para além do politicamente correto”. Para isso, o autor sugere:

1. Ir além da aceitação de um livro ou dois livros latino-americanos ou afro-americanos dentro dos cânones das grandes obras. Em vez disso, precisamos legitimar múltiplas tradições de conhecimento.
2. Interrogar as pressuposições discursivas que informam suas práticas curriculares com respeito à raça, classe, gênero e orientação sexual.
3. Desafiar suas complacências com relação ao eurocentrismo.
4. Superar o que é percebido como superioridade inerente à branquidade e racionalidade ocidental.
5. Reconhecer que grupos estão diferentemente situados na produção do conhecimento superior ocidental.
6. Superar a hegemonia dos discursos racistas de maneira que as pessoas brancas progressistas que são antirracistas talvez possam entender a maneira pela qual suas práticas culturais reinscrevem a supremacia branca, sem incorrerem em uma paralisia por culpa ou recusa.
7. Afirmar as vozes das pessoas oprimidas.
8. Dar aos marginalizados e aos sem-poder uma opção preferencial.
9. Reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aula.
10. Criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos outros como sujeitos e não como objetos. (p. 144-146)

Empreender estudos na área curricular, especialmente para locais específicos como as comunidades ribeirinhas, é conhecer a escola como o local onde o currículo é construído e reconstruído. Neste *lócus*, exis-

tem os interesses sociais e de classe, e o currículo assume-se como um instrumento de poder.

Em Rondônia, as populações tradicionais convivem com migrantes de todas as regiões brasileiras e de vários países do mundo, vindas para cá desde a época da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912), passando pelos movimentos migratórios dos ciclos da borracha (1942-1945), da mineração (1954-1972), do agrícola (1970) e, recentemente, das Usinas Hidrelétricas, com seu início em 2009 e término previsto para 2012. No entanto, a grande maioria dos currículos ainda é incompatível com essa realidade, seja na Escola Básica ou na Universidade. Os índios, os quilombolas, os ribeirinhos, os migrantes de modo geral e até mesmo o boliviano da fronteira estão, muitas vezes, excluídos dos currículos atuais.

Apresentamos, na sequência, algumas questões básicas de acesso, funcionamento e infraestrutura como elementos integradores dos Princípios Orientadores para atuação em sala de aula.

1. Concurso diferenciado - O acesso dos docentes às escolas ribeirinhas dar-se-á mediante concurso público específico e diferenciado que atenda às especificações daquelas localidades. Os professores serão avaliados em provas, títulos e entrevista que comprovem sua identificação e formação com as questões multiculturais, processos inclusivos e foco no ensino que valorize o sujeito, qualificando-o para o mundo pós-moderno. Os pressupostos teóricos vinculados a esta proposta servirão de apoio para a elaboração das provas e entrevistas que ficarão a cargo de professores com experiência e/ou titulação comprovada em formação docente para públicos diferenciados. Após a realização de todas as etapas do concurso e tendo sido classificado, o professor passará por uma qualificação, de acordo com os princípios orientadores da proposta.

Em sala de aula, cada professor terá um monitor, aluno de graduação dos cursos de licenciatura, em sua área específica. A presença do aluno-monitor será garantida mediante parceria entre as Secretarias de Educação e a Universidade Federal de Rondônia, garantindo o pagamento de uma bolsa ao estudante universitário e o crédito das horas trabalhadas, e devidamente comprovadas, em sua carga horária de estágio. Os alunos universitários serão orientados e supervisionados por professores que integrem a parceria universidade/escola e a cada

seis meses se comprometem a oferecer oficinas pedagógicas aos/as professores/as das comunidades ribeirinhas, como um agente de promoção da transformação efetiva pelo qual a escola precisa passar, funcionando como elo entre as duas instâncias formadoras.

2. Não rotatividade dos professores - A rotatividade dos professores nas escolas tem se constituído em um dos graves problemas na implantação de novas propostas metodológicas de ensino. Recentemente, tivemos essa experiência em uma das escolas onde atuamos enquanto pesquisadores. Por se tratar de pesquisa-ação, nossos alunos pesquisadores que compõem o GEAL², além de coletar material para as pesquisas que desenvolvem, atuaram em sala de aula, juntamente com os professores titulares, pelo menos, uma vez por semana. Chegando o final do ano, com o professor entusiasmado e os alunos motivados para a leitura e a escrita, aponta-se um novo impasse: quem acompanhará agora essas crianças, saberá valorizar a leitura e a escrita de acordo com a proposta metodológica apresentada? Possivelmente o professor da série seguinte (que não teve acesso às informações) romperá com o ritmo adotado para aquelas crianças e volta-se, então, para o velho, autoritário e monótono ensino tradicional: cópia, ditado e exercícios gramaticais descontextualizados.

Há que pensar em um modelo que faça o professor “criar laços” na escola; identificar-se com os alunos e com a sua cultura, seus costumes, seus hábitos, suas tradições. Acreditamos que com o corpo docente envolvido podemos exercer a afetividade tão bem explicada por Leite & Tassoni (2007), quando identificam as cinco decisões assumidas no planejamento e desenvolvimento do curso “as quais certamente terão repercussões marcadamente afetivas, interferindo profundamente na futura relação que se estabelecerá entre o aluno e o objeto de conhecimento em questão”. (p. 128). As cinco decisões incluem saber: Para onde ir – a escolha dos objetivos de ensino; De onde partir – o aluno como referência; Como caminhar – a organização dos conteúdos; Como ensinar – a escolha dos procedimentos e atividades de ensino; Como avaliar – uma decisão contra ou a favor do aluno? Assim, ensinar e aprender envolve cumplicidade, uma relação de confiança e troca

2. Grupo de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem.

entre professor e aluno, mas que requer também a participação de toda a comunidade escolar.

3. Inclusão digital - As tecnologias da informação e da comunicação estão cada vez mais presentes no cotidiano de crianças, jovens e adultos, trazendo novos desafios para os processos de produção de conhecimento. Esse fato exige uma compreensão mais rigorosa das transformações que estão sendo engendradas pelas mediações proporcionadas pelos mais diversos aparatos tecnológicos, tanto no que diz respeito às relações intersubjetivas quanto aos modos de criação da cultura e da história. Nessa perspectiva, justifica-se um investimento que vise à inclusão digital. A apropriação das inovações tecnológicas e pedagógicas merece análise e acompanhamento, pois as novas tecnologias não são simples materiais de apoio em sala de aula, mas podem ser um importante componente capaz de trazer efetivas contribuições ao processo educativo. Nesse sentido, recomenda-se mais uma parceria com a Universidade Federal de Rondônia, que será responsável pela formação dos professores da educação básica nas novas tecnologias, sem perder de vista as especificidades da região.

Oportunizar a apropriação do letramento digital, consolidando o domínio do letramento alfabético pelos alunos e a infoinclusão – democratização do acesso às tecnologias da informação – é continuar valorizando a leitura e a escrita constantemente, com vistas à utilização plena das vantagens digitais. Se o letramento digital for efetivado, a infoinclusão não será aquela que exclusivamente usa a nova linguagem do mundo digital, mas a que desfruta desse instrumento para melhorar as condições de vida das pessoas. Dessa forma, o acesso constante aos textos multimeios garantirá e ampliará as possibilidades de leitura e escrita, usando a nova linguagem do mundo digital e desfrutando desse instrumento para melhorar as condições de vida das pessoas.

4. Bibliotecas - Não há o que discutir quando o assunto é a “importância da biblioteca”. Unanimemente, elegemos o espaço como necessário à complementação dos estudos, busca de informação, pesquisa etc. No entanto, o que temos visto nas escolas ribeirinhas é um amontoado de livros didáticos, livros para pesquisa e ausência de bibliotecas.

Nas três escolas onde atuamos, apenas uma tem um espaço reservado aos livros que se divide com sala de reunião dos professores e sala de estudo. Em outra, os poucos livros, inclusive os que doamos para a escola, ficam na sala da diretora e, na última, não existe espaço para a leitura, uma vez que só há uma sala de aula multisseriada e os livros doados pelo nosso grupo ficam em um canto da sala, em cima de uma carteira improvisada como estante.

Ter uma Biblioteca na escola é muito bom, mas ter uma bibliotecária comprometida com a formação de leitores é melhor ainda. Uma biblioteca não pode ser apenas o espaço que guarda livro, mas o espaço que oferece o livro. Silva (2010, p.71) retrata muito bem a figura do bibliotecário descomprometido com a formação de leitores: “a imagem do bibliotecário é uma mistura de almoxarife, escrevente e policial, assemelhando-se muito a um autômato que, controlado e programado por sistemas esotéricos de catalogação e classificação, apenas cumpre aquilo que as normas determinam”.

O Projeto Pedagógico de uma escola, para ser completo, deve incluir, além da biblioteca, as habilidades para usá-la e todos os recursos informacionais. As habilidades devem estar intimamente ligadas aos conteúdos programáticos. Portanto, a presença da biblioteca e de um bibliotecário comprometido com a leitura nos espaços escolares são fundamentais para a garantia da implantação do letramento enquanto atividade sociocultural.

Para finalizar, enfatizamos a necessidade de adquirir livros, muitos livros e outros materiais escritos como jornais, revistas, gibis. Além disso, é preciso renovar sempre o acervo. Mesclar o clássico com o popular, o tradicional com o contemporâneo, uma vez que o mercado editorial não para de produzir.

Juntamente com esses itens e para que as escolas ribeirinhas sejam realmente locais de produção do saber, não podemos esquecer: espaço para lazer, merenda de qualidade e professores bem remunerados, reconhecidos e valorizados em sua atuação profissional.

A formação para professores que atuam em escolas rurais, também identificadas como “periféricas” ou ribeirinhas, como é o caso neste estudo, requer conhecimentos específicos que juntos formam a espinha dorsal para sustentação e garantia de ensino integrador.

TRANSPONDO AS MARGENS

Sendo um estado que representa o resultado da fervura do “caldeirão” agitado que foi a sua colonização e ocupação, Rondônia não pode esquecer sua origem cosmopolita e tratar “uniformemente” seus alunos como se fossem “gado apartado em curral para serem marcados e vendidos”, assim como foram as terras de Rondônia. Aqui há a fusão e a metamorfose, a união e a separação, o híbrido e o sincrético que faz esse povo diferente e singular. E a língua é o resultado de tudo e de todos que para cá vieram.

A formação docente precisa, portanto, legitimar múltiplas tradições de conhecimento, desafiar as complacências com relação ao eurocentrismo, superar a hegemonia dos discursos racistas, afirmar as vozes das pessoas oprimidas, dar aos marginalizados uma opção preferencial, reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aulas e criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos outros como sujeitos e não como objetos.

Voltar o olhar para pesquisas realizadas anteriormente significou para nós uma revisitação ao espaço cultural onde elas foram realizadas e um repensar as nossas práticas. A reflexão nos ajudou a ousar e apresentar esta proposta de ensino que abrange desde a formação inicial, passando pela formação continuada e complementando-se com a reflexão sobre princípios norteadores e investimentos na escola.

Convidamos para a transposição das margens do rio os professores e as autoridades responsáveis pela educação, num esforço conjunto daqueles que acreditam no povo que nelas habitam. Nossa intenção foi apresentar o que consideramos melhor para aquelas crianças, mas pensamos, também, nos professores, já tão sacrificados com tantas atribuições e poucas condições de um trabalho dignificante. É o rio movimentando-se, procurando seu leito, seu curso, seu destino. Que venham os banheiros e as pororocas. ***Agora somos todos viajantes aprendizes dos barrancos e queremos saber lidar com as corredeiras e os bancos de areia.*** Um “furo” ligando rios pode encurtar caminhos.

Não pretendemos que esta proposta contenha toda a verdade, mas podemos afirmar que valeu muito a pena viajar em águas barrentas

quando sabemos desviar dos troncos de madeira arrancados das margens. Pretende-se que esta proposta seja uma voz na multidão que anuncia corajosamente que “o rei está nu”.

Recebido em: setembro de 2011

Aceito em: setembro de 2011

REFERÊNCIAS

AMARAL, Nair F. Gurgel do & TEZZARI, Neusa dos Santos. (Orgs.): **Cultura, Leitura e Linguagens: discursos de letramentos**. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2007.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (organizadora). *Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações*. Londrina/PR: CRV, 2009

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. (Org.) **Encantos do Rio Madeira – histórias ribeirinhas**. São Carlos/SP: Pedro & João Editora, 2009.

AMARAL, N. F. Gurgel do; PESSOA, Socorro; BRASILEIRO, Tania Suely Azevedo (orgs.). **Educação, Cultura e Linguagem**. Curitiba: CRV; Porto Velho/RO: EDUFRO, 2010. ISBN: 978-85-7764-036-2

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 1998.

BRASIL/MEC. **Lei de diretrizes e Bases nº. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 20/07/2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução Gênese Andrade. 4 ed. 1. Reimp. – São Paulo/; Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Poro Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e Ensino**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). *Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade*. Campinas/SP: Editores Associados, 2007.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2010.

McLAREN, P. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVA ESCOLA, Revista nº 216, de outubro de 2008.

NÓVOA, António. (org.) **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 2002

ROSA, Guimarães. **A Terceira Margem do Rio**. In: Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. Disponível em: <http://www.releituras.com/guimmarosa_margem.asp> Acesso em 26/05/2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre Leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

_____. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Criticidade e Leitura: ensaios**. São Paulo: Global, 2009.

_____. **Leitura na Escola e na Biblioteca**. 11ª ed. Campinas/SP: Edições Leitura Crítica, 2010.